

A simbologia da cruz em hinos de clubes de futebol brasileiros de origem lusa¹

Elcio Loureiro Cornelsen
Faculdade de Letras, UFMG – Brasil
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
Coordenador do FULIA – Núcleo de Estudos sobre
Futebol, Linguagem e Artes

Resumo: Nossa contribuição visa à análise comparativa das letras de hinos de clubes de futebol brasileiros, partindo da simbologia da cruz como elemento de identificação de suas origens lusas. Para isso, elegemos as letras dos hinos da Tuna Luso Brasileira, da cidade de Belém do Pará, do Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e da Associação Portuguesa de Desportos, de São Paulo, para comporem o *corpus* de análise.

Palavras-chave: futebol e poesia; futebol e música; hinos de clubes; futebol e identidade.

*A Portuguesa e o Vasco da Gama são
fragmentos de uma saudade que os portugueses
deixaram no Brasil e que cresce cada vez mais
com a cultura lusitana.*
(Roberto Leal)

1. Introdução: clubes brasileiros de origem lusa e sua simbologia

O presente estudo estabelece uma análise comparativa das letras de hinos de clubes de futebol brasileiros de origem lusa e, para isso, enfoca a simbologia da cruz como elemento de identificação de suas origens.

Em virtude do grande número de agremiações brasileiras de origem lusa no país, nas mais diversas dimensões, funções e propósitos, decidimos delimitar o *corpus* de análise no sentido de eleger as letras dos hinos de três clubes sociais e de futebol,

¹ O presente artigo resulta de pesquisa apresentada em forma de pôster durante o XIV. Congresso Internacional Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, realizado de 02 a 04 de abril de 2012, no Minas Centro, em Belo Horizonte, e, respectivamente, em 05 de abril na UFOP, em Ouro Preto.

com maior destaque no Brasil: a Tuna Luso Brasileira, da cidade de Belém do Pará, o Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e a Associação Portuguesa de Desportos, de São Paulo.

Primeiramente, devemos ressaltar o significado dos hinos no âmbito desportivo. Sem dúvida, desde o início, a composição de hinos para as agremiações de futebol ampliaram, significativamente, o encontro entre música e futebol no Brasil, integrando a literatura, mais especificamente a arte poética. Pois o hino é uma criação mista, produzida por um discurso lítero-musical e, como tal, marcada pela inclusão simultânea do elemento musical e do verbal.

Por definição, hino (do grego: ὕμνος *hymnos*, “estrutura sonora”) é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação. O hino é expressão de entusiasmo elevado, originalmente, um poema ou cântico de veneração ou louvor à divindade, portanto, de cunho religioso, escrito especificamente para louvor ou adoração tipicamente endereçado a deuses e heróis (BILAC; PASSOS, 1930, p. 110).

Todavia, na Idade Moderna, o hino deixou de ser uma forma de composição musical exclusiva do âmbito religioso. Surge, então, o hino nacional (de devoção à nação ou à pátria), o hino partidário (de devoção a um partido político), o hino de organizações em geral e o hino desportivo (de devoção a um clube ou agremiação). No caso deste último, como aponta Jayme Valente, “[a]s bandeiras e uniformes policromáticos – denotando simultaneamente a identidade e a realidade tribal das torcidas – e os cantos mágicos, dissilábicos – que ecoam pelos estádios –, aumentam o estado de êxtase emocional, que anteriormente era associado às cerimônias religiosas” (VALENTE, 2005, p. 38).

Em termos analíticos, as letras de hinos desportivos compõem-se de elementos líricos,² épicos³ e dramáticos.⁴ Para o presente estudo, interessa-nos um de seus elementos épicos, ou seja, a identidade simbólica, que se constrói nas letras de hinos

² Os elementos líricos são: forma, estrofação, versificação e rima.

³ Os elementos épicos são: cena narrativa, espacialização, feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes, e identidade simbólica.

⁴ Os elementos dramáticos são: afetividade, apelo à fidelidade, emoção e louvor.

de futebol através de diversas marcações textuais, seja as cores de determinada agremiação, seja o seu distintivo, bandeira ou mascote, que juntamente com o hino formam o conjunto principal dos símbolos de uma agremiação.

A partir de um olhar transdisciplinar, pensamos a relação entre literatura, música e futebol através da análise das letras de hinos de clubes de futebol brasileiros de origem lusa, tomando por base traços textuais de identidade simbólica (cores, escudo, nomes). Nesse sentido, devemos atentar para “o funcionamento simbólico e ritualístico do futebol”, “a natureza mítica do futebol”, a “dramatização mítica”, a “linguagem simbólica”, “o futebol como liturgia do universo”, e, enfim, “o futebol como epopéia do humano”, aspectos esses destacados por António da Silva Costa em seu estudo intitulado “Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade” (COSTA, 2005, p. 13-26), fundamentado por noções oriundas da Sociologia e da Antropologia.

Devemos, entretanto, lembrar que os primeiros hinos, de caráter marcial, estavam inseridos na tradição dos hinos que ganharam força significativa com o advento do Estado-Nação no século XIX, que bebeu na fonte medieval para produzir uma série de símbolos que o representasse, desde brasões, bandeiras, cores, uniformes etc. Aliás, como nos lembra Hilário Franco Júnior, “as cores desempenham papel central [...] por definir a comunidade identitária para si mesma”, bem como para “construir a imagem que deseja ter para as outras comunidades” (FRANCO JÚNIOR, 2008, p. 217-218).

Para uma abordagem dessa natureza, a seguir, consideraremos não só a história de fundação e trajetória dos três maiores clubes de futebol brasileiros de origem lusa, como também os contextos em que as letras de seus respectivos hinos foram compostas. Também se faz necessária uma abordagem a respeito da origem simbólica e da tipologia das cruces que, mais tarde, seriam adotadas por clubes brasileiros de origem lusa na construção de suas identidades simbólicas.

2. A simbologia da cruz

Para pensarmos a simbologia da cruz, devemos, primeiramente, partir do conceito de símbolo. Em termos teóricos, o símbolo é uma subcategoria do signo, que, segundo o semiótico Winfried Nöth, pode ser definido de três maneiras distintas: como signo convencional; como signo icônico; como signo conotativo (NÖTH, 2000, p. 178). Além de ser um conceito-chave para várias disciplinas das Ciências Humanas, um símbolo pode ser da ordem verbal ou visual. Para nosso estudo, interessa-nos pensar o símbolo como signo icônico que, por definição, se associa com o seu objeto através de uma relação de analogia, de semelhança, ou mesmo de outra forma de motivação. Em geral, um símbolo possui um “excesso de significado”, pois conota sempre mais do que apresenta (NÖTH, 2000, p. 181-182). Tomado dessa forma, o símbolo da cruz, em sua simplicidade, pode transmitir esse “excesso de significado”.

No Mundo Ocidental, a simbologia da cruz consolidou-se, sobretudo, pela difusão do Cristianismo, em que a cruz aparece como símbolo do sofrimento de Cristo e da fé cristã. Embora se trate de “um ícone de caráter universal e de significados diversos”, como bem ressalta o jornalista e historiador Guss de Lucca, e apareça “na história de povos distintos (e distantes) como os egípcios, celtas, persas, romanos, fenícios e índios americanos”,⁵ para fins de nosso estudo, ater-nos-emos apenas à simbologia no contexto cristão, uma vez que a simbologia da cruz adotada por clubes brasileiros de origem lusa remonta às raízes cristãs portuguesas e sua história na Idade Média e no início da Era Moderna.

De acordo com Guss de Lucca, a Cruz Cristã, também denominada de Cruz Latina, remonta à cruz utilizada pelos romanos para executar criminosos e inimigos do Império. No contexto cristão, “ela nos remete ao sacrifício que Jesus Cristo

⁵ LUCCA, Guss de. A Cruz e seus Simbolismos. Disponível em: http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/simbolos/cruz_simbolismos.htm; acesso em: 22 fev. 2012.

ofereceu pelos pecados das pessoas. Além da crucificação, ela representa a ressurreição e a vida eterna”.⁶

Dessa tradição, surgiram outras cruzes, como, por exemplo, a Cruz de Santo André, a Cruz de Santo Antonio, a Cruz Patriarcal ou de Caravaca, a Cruz de Jerusalém, a Cruz da Páscoa, a Cruz do Calvário, a Cruz da Ordem dos Templários, a Cruz de Malta, a Cruz da Ordem de Avis, e a Cruz da Ordem de Cristo.⁷ Para nosso estudo, interessa-nos estas quatro últimas.

Segundo Guss de Lucca, a Cruz de Malta, muito utilizada até nossos dias em condecorações militares, originalmente, era o “[e]mblema dos Cavaleiros de São João, que foram levados pelos turcos para a ilha de Malta. A força de seu significado vem de suas oito pontas, que expressam as forças centrípetas do espírito e a regeneração”.⁸ A Cruz de Malta, símbolo da Ordem de São João, de Jerusalém, nos séculos XII e XIII, era uma das cruzes utilizadas pelas Ordens religiosas e de cavaleiros medievais nas Cruzadas, entre elas, a Cruz Pátea e a Cruz Formée.⁹ Enquanto um símbolo do “guerreiro cristão”, “suas oito pontas denotam as oito obrigações ou aspirações dos cavaleiros, ou seja, viver na verdade, ter fé, arrepender-se de seus pecados, dar prova de humildade, amar a justiça, ser piedoso, ser sincero e generoso, e resistir à perseguição”.¹⁰

Por sua vez, a Cruz Pátea (termo em português, derivado do francês “croix pattée”), significa “cruz patada”, também conhecida como Cruz Templária. Na

⁶ LUCCA, Guss de. A Cruz e seus Simbolismos. Disponível em: http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/simbolos/cruz_simbolismos.htm; acesso em: 22 fev. 2012.

⁷ LUCCA, Guss de. A Cruz e seus Simbolismos. Disponível em: http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/simbolos/cruz_simbolismos.htm; acesso em: 22 fev. 2012.

⁸ LUCCA, Guss de. A Cruz e seus Simbolismos. Disponível em: http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/simbolos/cruz_simbolismos.htm; acesso em: 22 fev. 2012.

⁹ FOSTER, Rev. Michael. History of the Maltese Cross, as used by the Order of St John of Jerusalem (2004). Disponível em: <http://www.orderstjohn.org/osj/cross.htm>; acesso em: 22 fev. 2012.

¹⁰ Tradução própria de: “Its eight points denote the eight obligations or aspirations of the knights, namely “to live in truth, have faith, repent one’s sins, give proof of humility, love justice, be merciful, be sincere and whole-hearted, and to endure persecution”. Disponível em: <http://www.guidetomalta.net/malta-history/maltese-cross/>; acesso em: 22 fev. 2012.

verdade, a Cruz Pátea é uma categoria ampla de cruces, que se caracterizam por terem suas pontas mais amplas nos extremos do que no centro onde há a intersecção dos eixos que a formam, de modo a configurar “patas”. A Ordem dos Templários, por exemplo, utilizava a “Cruz de Góes” (ou cruz no tom vermelho), com as bordas das pontas côncavas. Já os Cavaleiros Teutônicos usavam uma versão da Cruz Pátea menos curvada do que a da Ordem dos Templários.

A Cruz da Ordem de Cristo também é considerada uma variante da Cruz Pátea. Em sua configuração, ela apresenta linhas paralelas retas partindo do centro, e suas pontas podem ser curvas ou triangulares, sem, no entanto, formarem “patas”. Ocorre que a Cruz Pátea pode ser confundida tanto com a Cruz de Malta quanto com a Cruz de Cristo, o que, de certo modo faz sentido, se pensadas como subcategorias da primeira. Porém, se pensarmos nas Ordens as quais simbolizam, a confusão é automaticamente desfeita, pois a Cruz Pátea diz respeito à Ordem do Templo, e a Cruz de Malta, à Ordem de São João. Já a Cruz de Cristo, em Portugal, assume significado preponderante a partir do século XIV como símbolo da Ordem Militar de Cristo (1332-1651), sendo composta por uma Cruz Grega na cor branca, sobreposta a uma Cruz Pátea vermelha que lhe serve de fundo.¹¹

Cabe ressaltar que a Cruz da Ordem de Cristo (também denominada de Ordem dos Cavaleiros de Cristo), sucessora da Ordem dos Templários em Portugal, fundada por D. Diniz em 1319, tornou-se um símbolo intrínseco à Coroa Portuguesa, bem como foi o primeiro símbolo da história brasileira. A esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, que aqui aportou em 22 de abril de 1500, exibia nas velas de suas embarcações a Cruz da Ordem Militar de Cristo, assim como a esquadra de Vasco da Gama em 1498, na descoberta da nova rota marítima para as Índias. A Cruz de Cristo é mencionada até mesmo na “certidão de nascimento” do Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Cabral, no momento da missa, depois do descobrimento da nova terra: “aly era com ocapitam abandeira de christos com que sayo debelem a qual esteue senpre alta aaparte do auamjelho” (CAMINHA, 1999,

¹¹ Disponível em: <http://www.brasilrepublica.com/bandeirashistoricas.htm>; acesso em: 22 Fev. 2012.

p. 45).¹² Trata-se de uma bandeira branca com a Cruz de Cristo estampada ao centro em vermelho, que fora entregue pelo rei D. Manuel ao Capitão-mor da frota no momento de sua partida de Belém, onde estivera guardada na Capela do Restelo.¹³

Por sua vez, a presença desse símbolo na esquadra de Cabral e em outras esquadras portuguesas não é fortuita, pois a Ordem da Cruz de Cristo foi a instituição que financiou majoritariamente a maioria das expedições marítimas portuguesas, entre elas, “Cabo Não, Gran Canária, Porto Santos, Açores, Gojador, Cabo Branco, Costa dos Negros, Cabo da Boa Esperança, Índia e Brasil”.¹⁴

A título de conclusão deste item, podemos afirmar que há alguns pontos em comum aos quatro tipos de cruces aqui enfocadas: todas remetem à tradição cristã; suas raízes situam-se na heráldica medieval; todas se associam a Ordens religiosas e militares diretamente envolvidas nas Cruzadas. Mesmo a Ordem de Avis, fundada em 1319 e, portanto, posterior às Cruzadas, é uma continuidade, em Portugal, da Ordem dos Templários, dissolvida pelo Papa Clemente V em 1312. E três desses símbolos estão profundamente ligados à História de Portugal: a Cruz Pátea, a Cruz da Ordem de Avis e a Cruz da Ordem de Cristo. A seguir, enfocaremos essa simbologia presente no modo de construção da identidade simbólica de clubes brasileiros de origem lusa.

3. A simbologia da cruz em hinos de clubes de futebol brasileiros de origem lusa

3.1. O Club de Regatas Vasco da Gama e a simbologia da cruz

No dia 21 de agosto de 1898, um grupo de jovens, em sua maioria, portugueses, reuniu-se na Sociedade Dramática Filhos de Talma, no bairro da Saúde, na cidade do Rio de Janeiro. Todos estavam decididos a fundar uma agremiação

¹² Ali estava com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho.

¹³ Disponível em: <http://www.monarquia.org.br/NOVO/obrasilimperial/Bandeirashistoricas.html>; acesso em: 22 Fev. 2012;

¹⁴ Disponível em: <http://www.brasilrepublica.com/bandeirashistoricas.htm>; acesso em: 22 Fev. 2012.

dedicada à prática de esportes náuticos, especificamente o remo. Ainda sob o impacto das comemorações do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para as Índias por parte de Vasco da Gama, o grupo decidiu batizar a agremiação com o nome do navegador português. Assim, nascia naquela data o Club de Regatas Vasco da Gama. A estreia do clube se deu em 1899, e seus símbolos e cores iniciais foram o uniforme negro, com faixa diagonal branca da direita para a esquerda (inversa em relação à faixa atual), e contendo a Cruz de Malta [na verdade, a Cruz da Ordem de Cristo] em seu centro,¹⁵ além de boné e calções também pretos, e meias brancas (BLANC, 2009, p. 41).

De acordo com Aldir Blanc, no ato de fundação, foram cogitados também outros nomes para o clube, entre eles, Santa Cruz ou Pedro Álvares Cabral. Porém, como “a colônia portuguesa na capital da República ainda respirava a aura festiva das comemorações do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para as Índias” (BLANC, 2009, p. 39), optou-se pelo nome do navegador Vasco da Gama.

Basicamente, a primeira fase da história do Vasco da Gama foi marcada pelas disputas e conquistas no remo, aliás, como nos lembra Aldir Blanc, “a modalidade esportiva de maior prestígio do Rio de Janeiro. Essa predileção durou de 1902 até 1911, quando o esporte bretão começou a entrar na pauta esportiva da cidade” (BLANC, 2009, p. 44-45).

A ideia de se fundar um departamento de futebol foi despertada somente após 1913, ano em que, a convite do Botafogo, um combinado de clubes de futebol de Lisboa excursionara ao Rio. De certo modo, até aquele ano, a colônia portuguesa permaneceu alheia ao futebol. Mas o interesse passou a ser tão grande que foram fundados não apenas um, mas sim quatro clubes para a prática desse esporte: o

¹⁵ As informações históricas sobre o Club de Regatas Vasco da Gama, contidas no presente item, baseiam-se no material do site oficial do clube. Disponível em: http://www.vasco.com.br/site/index.php/linha_do_tempo; acesso em: 21 Fev. 2012. Outra fonte de informação importante sobre a história do clube é o livro *Vasco: a cruz do bacalhau*, escrito por Aldir Blanc em parceria com José Reinaldo Marques (Rio de Janeiro: Ediouro, 2009).

Luzitânia S. C., o Centro Português de Desportos, o Luso S. C. e, posteriormente, o Luzitano S. C..

Passaram-se dois anos, e no dia 26 de novembro de 1915, o Vasco da Gama fundiu-se ao Luzitânia S. C., que até então admitia somente portugueses em suas equipes. De acordo com Aldir Blanc, até então, “[a]s duas agremiações esportivas de maior convívio social entre os portugueses na cidade do Rio de Janeiro eram o Luzitania (sic), que tinha o apoio de alguns sócios de uma empresa mercantil chamada Soto Mayor & Cia, e o Clube Ginástico Português, considerado, à época, uma grande agremiação social e desportiva” (BLANC, 2009, p. 64). Devido a seus triunfos no âmbito do remo, e do prestígio que desfrutava como clube bem estruturado, o Vasco da Gama contou com o apoio de representantes da empresa Soto Mayor no processo de fusão com o Luzitânia S. C., do qual herdou “material esportivo e sua carteira de sócios. Ficava assim estabelecida a contribuição dos portugueses para o surgimento de um dos mais prestigiados clubes do futebol carioca” (64-65).

A estreia do clube ocorreu no dia 03 de maio de 1916. Em cerca de sete anos de existência de seu departamento de futebol, o Vasco da Gama ascenderia, divisão a divisão, ao grupo de elite do futebol brasileiro, conquistando, em 1923, o seu primeiro título na primeira divisão do Campeonato Carioca, organizado pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT). O time, que integrava jogadores brancos, mulatos e negros, pobres e habilidosos jogadores recrutados nos campos do subúrbio da cidade, com sua origem na Zona Norte do Rio de Janeiro, passava assim a se defrontar com times como o Fluminense, o Flamengo, o América e o Botafogo, nos quais só atuavam jogadores brancos. Os “camisas negras”, assim conhecidos pelo uniforme, que ainda não apresentava a faixa branca transversal, como era o caso do uniforme de remo no clube, e exibia uma cruz vermelha semelhante à Cruz da Ordem de Cristo no lado esquerdo do peito, foram os pioneiros no combate ao racismo no âmbito do futebol brasileiro. Aliás, tal uniforme foi adotado do Luzitânia S. C., com o qual o clube se fusionara em 1915, cuja inspiração, por sua vez, teria sido

o uniforme do combinado português que disputou uma série de amistosos no Rio de Janeiro em 1913.

Outro elemento significativo de identidade simbólica, quando tratamos do tema da simbologia da cruz, é o escudo do clube. O primeiro escudo do Vasco da Gama data de 1903, era redondo, com fundo negro, e exibia no centro a imagem da caravela. Ao redor do fundo negro figuravam as iniciais C. R. e Vasco Da Gama, separados por seis cruces na cor vermelha. Nas velas da embarcação estava estampada a Cruz da Ordem de Cristo, símbolo utilizado nas navegações portuguesas.

Esse distintivo inicial foi modificado até tomar a forma definitiva, por volta da década de 1920, não mais circular, e sim em forma de escudo, mas dele permaneceu a imagem da caravela com a cruz, o fundo preto como representação dos mares desconhecidos do Oriente, e foi inserida uma faixa branca diagonal do lado esquerdo para o direito, representando a rota descoberta pelo navegador português, além das iniciais CR e VG entrelaçadas, que figuram, respectivamente, ao lado e abaixo da imagem da caravela.

Como mencionado anteriormente, o primeiro escudo do Vasco da Gama, criado em 1903, exibia uma Cruz da Ordem de Cristo na caravela, numa reprodução fiel do que era prática nas embarcações portuguesas à época das grandes navegações e do descobrimento do Brasil. Alguns anos mais tarde, a Cruz da Ordem de Cristo foi substituída por outra cruz, que se acreditava ser a Cruz de Malta, mas que, na verdade, era uma Cruz Pátea ou Cruz Patée, pois não contém extremidades bifurcadas formando oito pontas, como é característico da verdadeira Cruz de Malta, da Ordem de São João. Porém, esse equívoco visual não se desfez devido ao fato de se ter, com o passar dos anos, adotado a designação de “Cruz de Malta” para o símbolo, e do epíteto “cruzmalino” para tudo o que diga respeito ao clube. A respeito do símbolo idealizado por José Lopes de Freitas, um dos fundadores do Vasco, e do equívoco na nomeação da cruz como sendo a Cruz de Malta, Aldir Blanc tece as seguintes considerações:

[...] Com relação à cruz houve uma curiosidade: na verdade, o símbolo que o navegador Vasco da Gama aplicava nas suas embarcações e nos seus estandartes era a Cruz da Ordem de Cristo. Acabou sendo incorporada pelos vascaínos uma cruz que mereceu a denominação de Cruz-de-malta. Na realidade, a cruz que acabou sendo transformada no símbolo do clube não tem nada a ver com a verdadeira Cruz-de-malta – conhecida também como Cruz de São João –, cujo desenho é chanfrado nas extremidades. (BLANC, 2009, p. 41)

Recentemente, foi lançado um terceiro uniforme para o Vasco da Gama, cuja camisa, na cor azul e estampada com uma cruz branca na parte frontal, exhibe no ponto central da cruz ao invés da Cruz Pátea, sempre confundida com a Cruz de Malta, a Cruz da Ordem de Cristo. Se, neste caso, ocorre uma correção visual em relação à cruz que as embarcações sob o comando do navegador Vasco da Gama exibiam em suas velas, em termos discursivos, ela permanece sendo a “Cruz de Malta”, como podemos constatar no seguinte texto do blog “Gigante da Colina” – outra forma carinhosa de designar o Vasco –, divulgando o terceiro uniforme:

A força do Gigante da Colina habita cada detalhe da Camisa Penalty Vasco III 2012 s/nº. Inspirado no heroico navegador português, que dá nome ao clube, o terceiro uniforme azul e branco homenageia as conquistas desse grande desbravador dos mares. Para vestir-se com a armadura e a raça do guerreiro cruzmaltino, o torcedor vascaíno coloca no peito a tradição e as glórias da tão temida Cruz de Malta e fica pronto para qualquer batalha.¹⁶

Como não poderia deixar de ser, ao longo da história, essa confusão gerada pela nomeação da cruz se refletiu também na letra do hino do clube. Aliás, o Vasco conta com três hinos ao longo de sua história. O primeiro deles, considerado como hino oficial, data de 1918, e é de autoria de Joaquim Barros Ferreira da Silva:

Clangoroso apregoa, altaneiro
O clarim estridente da fama
Que dos clubes do Rio de Janeiro
O invencível é o Vasco da Gama

¹⁶ disponível em: http://www.gigantedacolina.com.br/prod032-5356-058.html?utm_source=vasco_home&utm_medium=full&utm_campaign=vasco_home_full_penalty_camisa_III_2012; acesso em: 22. Fev. 2012.

Se vitórias já tem no passado
 Glorias mil há de ter no porvir
 O seu nome é por nós adorado
 Como estrela no céu a fulgir!

Refrão:

Avante então
 Que pra vencer
 Sem discussão
 Basta querer
 Lutar, lutar
 Os vascaínos
 De terra e mar
 Os paladinos
 É mundial
 A sua fama
 Vasco da Gama
 Não tem rival
 Mais uma glória
 Vai conquistar
 Lutar, lutar
 Para a vitória

Sobre os peitos leais, vascaínos
 Brilha a Cruz gloriosa de Malta
 Corações varonis, leoninos
 Que o amor pelo Vasco inda exalta.

Quando o Vasco em qualquer desafio
 Lança em campo o seu grito de guerra
 Invencível, nervoso arripio
 Faz tremer o rival e a terra!¹⁷

Nota-se já no primeiro hino oficial de 1918 versos contendo o elemento simbólico da cruz, além do antropônimo que designa o clube: “Sobre os peitos leais, vascaínos / Brilha a Cruz gloriosa de Malta”.

Já o segundo hino do Vasco da Gama, intitulado “Meu Pavilhão”, cuja música é de autoria de Ernani Corrêa, e a letra é de João de Freitas, composto em ano incerto, mas seguramente anterior à década de 1940, não faz menção à simbologia da cruz:

Vasco da Gama evocas a grandeza
 Daqui e d'além mar
 Teu pavilhão refulge de beleza

¹⁷ Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/index.php/conteudo/index/87>; acesso em: 22 Fev. 2012.

Perene a tremular!

Dos braços rijos de teus filhos,
O mar sagrou-te na história!
Reflete pelos céus em forte brilho
O cetro que ostentas da vitória!

Na cancha és o pioneiro!
És o mais forte entre os mil!
Com a fama que ecoa no estrangeiro
Elevas o esporte do Brasil!¹⁸

Como podemos constatar, há referência no texto à tradição portuguesa da navegação e, especialmente, à figura de Vasco da Gama como grande navegador, marcando as raízes lusitanas do clube.

Por sua vez, o terceiro e último hino do Vasco da Gama, considerado o hino popular, consagrado em meio à torcida e cantado até os nossos dias nos momentos de consagração do clube, foi composto por Lamartine Babo, grande nome do cenário da Música Popular Brasileira e, em especial, do Carnaval carioca, com suas inúmeras marchinhas compostas nas décadas de 1930 e 1940:

Vamos todos cantar de coração
A Cruz de Malta é o teu pendão!
Tens o nome do heróico português
Vasco da Gama, a tua fama assim se fez

Tua imensa torcida é bem feliz
Norte e Sul, Norte e Sul destes Brasis
Tua estrela, na terra a brilhar
Ilumina o mar

No atletismo és um braço
No remo és imortal
No futebol és o traço
De união Brasil-Portugal (VALENÇA, 1981, p. 160).¹⁹

Cabe ressaltar que, na década de 1940, Lamartine Babo compôs nada mais nada menos do que os hinos de 11 clubes do Rio: América, time de coração do

¹⁸ Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/index.php/conteudo/index/87>; acesso em: 22 fev. 2012.

¹⁹ A letra do hino composta por Lamartine Babo aparece com outra estrofação na página oficial do clube, diferindo dessa versão publicada no livro de Suetônio Soares Valença, biógrafo do compositor. Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/index.php/conteudo/index/87>; acesso em: 22 fev. 2012.

compositor, Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Bangu, todos considerados “grandes” na época, e dos times “pequenos” Madureira, Olaria, São Cristóvão, Bonsucesso, e do hoje extinto Canto do Rio (XAVIER, 2009, p. 52). Segundo Paulo Jebaili (2006, p. 55), “Lalá”, como era conhecido, foi desafiado por Héber de Bôscoli, com quem compunha o “Trio de Osso” juntamente com Yara Sales no programa *Trem da Alegria*, da Rádio Mayrink Veiga, onde atuava desde 1942, “a compor um hino por semana para cada clube do Rio de Janeiro”, desafio esse plenamente cumprido pelo compositor. Uma vez por semana, às terças-feiras, ele apresentava um hino, conforme os ia compondo (VALENÇA, 1981, p. 158). Aliás, Lamartine Babo faria escola também quanto ao estilo dos hinos de futebol, compostos como marchas-rancho ou “marchinhas”, como também eram conhecidas, e estas se diferiam das marchas militares em sua cadência. De acordo com Paulo Jebaili, “[o] hino de futebol escolhe a marcha porque é a festa. E a festa é sublimação da dor. A marcha é uma das primeiras manifestações de pessoas que se reuniam em blocos na rua para cantar a vida de forma lúdica” (JEBAILI, 2006, p. 55).

Nesse sentido, a letra do hino contribui para a veiculação e assimilação de valores e símbolos por parte dos torcedores, que colaboram para a construção identitária de si e do clube. No caso específico da simbologia da cruz, o hino do Vasco reproduz a ideia de que, de fato, a Cruz de Malta é a designação para aquela cruz específica estampada em seus uniformes, estandartes e bandeiras, mesmo que esta, visualmente, seja uma Cruz Pátea.

O certo é que permanece o imaginário em torno do famoso navegador português, de modo que o seu sentido metafórico ganha força nas palavras de ilustres vascaínos ao se referirem ao clube. Um bom exemplo disso é o modo como Aldir Blanc, famoso compositor da Música Popular Brasileira e torcedor do Gigante da Colina, se refere à situação enfrentada pelo clube ao descer para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro em 2009:

A Nau, tantas vezes vitoriosa está envolta em pesado silêncio – que, não raro, torna-se estrépito e alarido de assombrações bizarras. Por isso, os mais

supersticiosos não querem mover-se, conjecturam que a embarcação tenha entrado no Mar Tenebroso, povoado de monstros indizíveis, cujo abismo, de súbito, despenca na segundona – epa, desculpem –, no Inferno. (BLANC, 2009, p. 27)

E o compositor prossegue em suas lamentações, publicadas no livro *Vasco: a cruz do bacalhau*, escrito em parceria com José Reinaldo Marques:

A bruma asfixia os velames consagrados pela Cruz, e parece tentar apagá-la ou, ao menos, manchá-la. Marujos, outrora intrépidos, murmuram nos porões sobre o azar da calmaria (que levou a oito derrotas consecutivas em decisões), mas o que os amedronta de fato não é a ausência de ventos e, sim, as exalações do clima, como se o mar que nos deveria levar avante tivesse apodrecido num lodo grosso que impede a navegação sobranceira, adere às adriças, prejudica as manobras mais simples, envolvendo a caravela, um dia arisca, em miasmas e estalos de navio fantasma. (BLANC, 2009, p. 27)

No contexto das comemorações do Centenário do Club de Regatas Vasco da Gama em 1998, naturalmente, a simbologia da cruz também foi explorada em canções e poemas. Um exemplo disso é o samba “Campeão dos campeões”, do compositor Nei Lopes em parceria com Wilson Moreira, que, todavia permaneceu inédito (BLANC, 2009, p. 34). Na primeira estrofe, temos a referência à Cruz de Malta:

Era o quarto centenário
Das conquistas do navegador
Quando no mar, depois na terra,
A Cruz-de-malta rebrilhou.
Lutando contra a discriminação
Nasceu o Vasco da Gama
Super, supercampeão. (BLANC, 2009, p. 34-35)

E num trecho da segunda estrofe, há nova menção à simbologia da cruz:

[...]
À sombra desta cruz
Lusitana e tão nobre
Foi que o negro e o pobre
Puderam mostrar
O quanto têm para dar.
[...] (BLANC, 2009, p. 35)

De maneira semelhante, o compositor Aldir Blanc também homenageou o clube em seu Centenário com um poema intitulado “Vasco”, em cuja primeira estrofe aparece a simbologia da cruz:

Era um menino e as trampas da memória
trouxeram a cruz-de-malta em clara vela.
Era uma tarde, a chuva, a hora, a História...
Vila Isabel cantava na janela. (BLANC, 2009, 217)

Textos como esses, ao longo da história do clube, consolidaram a designação da cruz como “Cruz de Malta”, não obstante o fato de o símbolo estampado no escudo ser a Cruz Pátea, e de a intenção ser a representação da Cruz da Ordem de Cristo, justamente aquela que ornamentava as velas e os estandartes da esquadra comandada por Vasco da Gama.

Desse modo, embora para nosso estudo tenhamos elegido as letras de hinos como principal *corpus* de análise da simbologia da cruz, no caso do Vasco da Gama, optamos por nos servir também de outros elementos, como o escudo, o uniforme, ou mesmo letras de música e poemas em que a metáfora da navegação aparece. Com isso, pudemos constatar que a simbologia da cruz, como marca da origem do Club de Regatas Vasco da Gama, possui desdobramentos que, praticamente, perpassa todo e qualquer elemento de identidade simbólica tanto da agremiação, quanto daqueles que a ela se referem, seja como torcedores ou não.

3.2. A Tuna Luso Brasileira e a simbologia da cruz

A Tuna Luso Brasileira foi fundada em 1º de janeiro de 1903. Porém, sua história se inicia em 13 de novembro de 1902, quando o cruzador português “D. Carlos” ancorou na Baía do Guajará, em Belém, numa visita oficial que visava o estreitamento de relações entre Brasil e Portugal.²⁰

²⁰ As informações históricas sobre a Tuna Luso Brasileira, contidas no presente item, baseiam-se no material do site não-oficial do clube, num estudo realizado por Odacyl Cattete. Disponível em: http://www.tunalusobrasileira.hpg.ig.com.br/esportes/47/index_int_3.html; acesso em: 23 mar. 2011.

Naquela ocasião, um grupo de jovens portugueses que já viviam na capital paraense visitou a embarcação. Inspirados na performance da orquestra de bordo, com seus acordes e ritmos lusitanos, os jovens decidiram fundar uma orquestra e a batizaram de Tuna, cujo significado seria “grupo de estudantes que viaja organizando concertos musicais”,²¹ ou “grupo musical organizado por estudantes” (FERREIRA, 1988, p. 1419). Como todos eram portugueses e caixeiros do comércio em Belém, com seus armazéns, tabernas, mercearias e quitandas, os jovens decidiram denominar a orquestra de Tuna Luso Caixeiral, sendo fundada oficialmente em 1º de janeiro de 1903, e contando com o musicista português Antônio Lobo como seu maestro. Em 1926, em virtude de os antigos caixeiros terem se tornado comerciantes, o nome do clube foi alterado para Tuna Luso Comercial, e em 1968, passou a denominar-se Tuna Luso Brasileira.

Todavia, segundo Péricles Motta Oliveira, desde a fundação da cidade de Belém por Francisco Caldeira Castelo Branco, em 1616, foram criadas na cidade várias organizações com finalidade de reunir portugueses e seus decentes. Mas, sem dúvida alguma, a Tuna Luso Brasileira é a mais significativa dentre elas.

Inicialmente, a Tuna visava congregar jovens portugueses radicados em Belém, que pretendiam manter as tradições da terra natal através de eventos culturais, sobretudo nos âmbitos da música e das artes. Mas em 1906, ampliando suas atividades, a Tuna entrou no campo desportivo ao fundar seu Departamento Náutico. Ao longo de sua história, a Tuna conquistou inúmeros títulos em disputas de regatas na baía do Guajará, recebendo em 1920 a designação de “Rainha do Mar”, com quase 50 títulos estaduais conquistados.

A Tuna Luso Brasileira, em primeira linha, é um clube social, e, atualmente, contam entre seus associados não só portugueses e seus descentes, mas também

Outra fonte de consulta importante é a matéria de autoria de G.B. Péricles Motta Oliveira, escrita para o site “Campeões do Futebol”. Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/tuna_luso_brasileira.html; acesso em: 23 mar. 2011.

²¹ Disponível em: http://www.tunalusobrasileira.hpg.ig.com.br/esportes/47/index_int_3.html; acesso em: 23 mar. 2011.

muitos brasileiros. Mas sua projeção ampliou-se de maneira significativa com a fundação do Departamento de Futebol em 1915.

Por sua vez, o hino da Tuna foi composto por José Teixeira no final da década de 1960 e traz em sua letra algumas marcas de identidade simbólica do clube:

Nós estamos empunhando a bandeira
Comemorando a nossa vitória,
Tuna, Tuna, Tuna
É mais um time
Que entra na história.

Tuna Luso Brasileira,
O teu passado é de glória
Lutando na terra e no mar
E conquistando sempre as vitórias.

Nós estamos empunhando a bandeira
Comemorando a nossa vitória
Tuna, Tuna, Tuna
É mais um time que
Que entra na história.

Verde, branco e a cruz de malta,
Que mora no meu coração
Tu és a águia do Souza
E serás sempre em toda geração

Nós estamos empunhando a bandeira
Comemorando a nossa vitória
Tuna, Tuna, Tuna
È mais um time que entra na história. (bis)²²

O elemento simbólico se faz presente na letra através do nome do clube – “Tuna Luso Brasileira”, assumido em 1968 – e da forma abreviada e carinhosa como o seu torcedor se refere à agremiação – “Tuna” –, além da menção às cores e ao símbolo: “Verde, branco e a cruz de malta”; ou ainda ao mascote: a “águia do Souza”, com menção ao bairro do Souza, onde se localiza o Estádio Francisco Vasques.

²² Disponível em: http://www.tunalusobrasileira.hpg.ig.com.br/esportes/47/index_int_3.html; acesso em: 23 mar. de 2011.

A Cruz de Malta, além de símbolo que ornamenta o distintivo do clube, é também uma metonímia. Pois a Tuna é designada também por seus torcedores e pela crônica esportiva de “Águia do Souza” e, respectivamente, “Cruz de Malta”.

Nas fontes consultadas, inclusive no site oficial do clube, não há qualquer menção ao motivo para a adoção da Cruz de Malta pelos fundadores da Tuna. Certo está, entretanto, que o primeiro emblema do clube, na fase em que se dedicava apenas a eventos artístico-musicais (1903-1906), não exibia em seu centro a Cruz de Malta em vermelho, mas sim uma clave de sol em vermelho, estampada sobre uma pauta musical com linhas em verde, com a letra “T” à esquerda, a letra “L” acima, e a letra “C” à direita, todas na cor verde, indicando o nome original do clube – “Tuna Luso Caixeiral” –, e a imagem é encerrada por um contorno em verde na forma de uma flor.²³

Podemos deduzir que, com a criação do Departamento Náutico em 1906, a substituição da clave de sol pela Cruz de Malta, além da supressão da pauta musical em verde, em termos simbólicos, se deu no intuito de produzir, visualmente, uma relação entre esporte náutico e tradição lusitana em seu pioneirismo nas grandes navegações dos séculos XV e XVI. Já o símbolo atual da Tuna Luso Brasileira apresenta o ano de fundação – 1903 – em vermelho, abaixo da Cruz de Malta, e a letra “C” – “Caixeiral” e, posteriormente, “Comercial” – foi substituída pela letra “B” – “Brasileira”.

Entretanto, assim como se constata em relação ao Vasco da Gama, a Cruz de Malta, no caso da Tuna, na verdade, é uma Cruz Pátea, não apresentando, portanto, as oito pontas características. Isso pode ser um indício de que, para criar o novo distintivo, a Cruz de Malta do Club de Regatas Vasco da Gama pode ter sido tomada como referência, uma vez que o Vasco disputava regatas desde 1899 e, assim como a Tuna em Belém do Pará, era representante da colônia portuguesa na cidade do Rio de Janeiro. E, assim como acontece com o Vasco, o hino da Tuna também contribui

²³ Conferir os distintivos da Tuna Luso Brasileira, divulgados no site oficial do clube; disponível em: <http://www.tunalusobrasileira.com.br/content/hist%C3%B3ria>; acesso em: 08 mar. 2012.

para veicular e consolidar a cruz de seus uniformes como sendo a Cruz de Malta, mesmo que esta não corresponda à verdadeira Cruz de Malta com suas oito pontas.

3.3. A Associação Portuguesa de Desportos e a simbologia da cruz

A Associação Portuguesa de Desportos, diferindo do Club de Regatas Vasco da Gama e da Tuna Luso Brasileira, não surgiu, originalmente, no âmbito dos esportes náuticos, mas sim como clube de futebol. Fundado em 14 de agosto de 1920 com o nome de Associação Portuguesa de Esportes, o clube resultou da fusão de outras cinco agremiações já existentes à época: o Luzíadas Futebol Club, a Associação 5 de Outubro, o Esporte Club Lusitano, a Associação Atlético Marquês de Pombal e o Portugal Marinense, formando um único clube de futebol da colônia lusitana em São Paulo, apto a disputar a primeira divisão do campeonato paulista.²⁴

A data de fundação da Portuguesa, longe de ser fortuita, remonta a um fato histórico fundamental para a construção de Portugal enquanto nação, ocorrido na Idade Média: o dia 14 de agosto de 1385 entrou para a história como o dia da Batalha de Aljubarrota, em que Portugal derrotou a Espanha e conseguiu se afirmar como reino independente de Castela e Leão. Lideradas por D. João, mestre da Ordem de Avis, as tropas portuguesas derrotaram as tropas espanholas sob o comando de D. Juan I de Castela no campo de São Jorge, próximo à vila de Aljubarrota, nas imediações de Leiria e Alcobaça, no centro de Portugal. Um dos acontecimentos mais significativos da história de Portugal, a Batalha de Aljubarrota marcou o início da Dinastia de Avis, que permaneceria no poder até 1580, abrangendo, portanto, a era dos Descobrimentos, e garantiu ao reino português sua soberania diante das pretensões do reino de Castela e Leão e promoveu a consolidação da identidade nacional enquanto nação livre e independente (MONTEIRO, 2003, p. 26-27).²⁵

²⁴ As informações históricas contidas neste item foram coletadas no site oficial do clube – disponível em: <http://www.portuguesa.com.br/fhistorico.asp>; acesso em: 21 fev. 2012 –, bem como no blog “Alma Lusa” – disponível em: <http://almalusa.net/curiosidades.html>; acesso em: 21 fev. 2012.

²⁵ Conferir também: <http://www.fundacao-aljubarrota.pt/?idc=21>; acesso em: 06 mar. 2012.

Além de atrelarem-se à história de Portugal através da data de fundação, os laços de origem do clube, como não poderia deixar de ser, foram reforçados através de elementos de identidade simbólica. As cores escolhidas para o uniforme foram o verde e o vermelho, as mesmas cores de Portugal. E o primeiro distintivo do clube, adotado no ato de fundação, foi composto pelo escudo português sobre um fundo verde e vermelho. Por sua vez, este foi substituído em 1923 pela Cruz de Avis, adotada como elemento componente de seu brasão.²⁶ Além de símbolo das glórias lusitanas nas Cruzadas, a Cruz de Avis também representava o fim do domínio do Reino de Castela sobre Portugal com a batalha de Aljubarrota, de modo que, simbolicamente, a adoção do novo brasão associava-se diretamente à data de fundação do clube.

A Lusa, como é carinhosamente denominada por seus torcedores, originalmente, teve um primeiro hino, composto por Arquimedes Messina:

Você faz parte de uma grande família
 Que muito pode se orgulhar
 É a família unida e muito amiga
 Da Portuguesa querida
 Muitas obras vai realizar
 Pelo esporte brasileiro
 Rubro verde espetacular
 Esportivo recreativo clube de tradição
 É o clube da amizade orgulho da cidade
 O clube do coração

Viva a Lusa
 Viva a Lusa

Clube Esportivo e social
 Portuguesa de desportos
 Orgulho do esporte nacional²⁷

Em termos textuais, o primeiro hino da Portuguesa, além do nome do clube e da expressão carinhosa “Lusa”, traz ainda a identidade simbólica a partir das cores

²⁶ Disponível em: <http://almalusa.net/distintivos.html>; acesso em: 21 fev. 2012.

²⁷ Disponível em: <http://almalusa.net/hinos.html>; acesso em: 21 fev. 2012.

mencionadas no verso “Rubro verde espetacular”, mas não faz menção à Cruz de Avis.

Todavia, no início dos anos 1980, o hino original da Portuguesa de Desportos foi substituído por outro, composto por um de seus torcedores ilustres, o cantor Roberto Leal, em parceria com a compositora Márcia Lúcia. Em entrevista concedida ao Globo Esporte, datada de 11 de janeiro de 2011, Roberto Leal fez a seguinte declaração a respeito do novo hino por ele criado:

O hino da Portuguesa era bonito, mas os torcedores queriam uma coisa mais forte. Resolvi fazer um e sempre cantava nos encontros. Quando os diretores perceberam que a música estava na boca das pessoas, resolveram fazer uma assembleia no clube e oficializaram o hino que criei. [...] ²⁸

Composta e gravada em 1983, a letra do novo hino da Portuguesa reproduz em seus versos alguns traços de identidade simbólica:

Vamos à luta, ó campeões,
hã de vibrar os nossos corações
Na tua glória, toda certeza,
que tu és grande, ó Portuguesa!

Vamos à luta, ó Campeões,
há de brilhar a cruz dos teus brasões
E tua bandeira verde-encarnada,
que é a luz da tua jornada!

Vitória é a certeza
da tua força e tradição
Em campo, a Portuguesa,
pra nós, és sempre um time campeão!²⁹

Além do nome do clube, e das cores mencionadas no verso “E tua bandeira verde-encarnada”, a letra do novo hino retoma a simbologia da cruz, presente no distintivo, no verso “há de brilhar a cruz dos teus brasões”. Desse modo, a letra do novo hino, de maneira implícita, reforça o laço entre a data de fundação como marco

²⁸ In: Meu jogo inesquecível (entrevista datada de 11/01/2011); disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/portuguesa/noticia/2011/01/meu-jogo-inesquecivel-final-da-lusa-fez-roberto-leal-abandonar-seu-carro.html>; acesso em: 06 mar. 2012.

²⁹ Disponível em: <http://www.portuguesa.com.br/hino.asp>; acesso em: 21 fev. 2012.

histórico – a Batalha de Aljubarrota e a Cruz da Ordem de São Bento de Avis –, o distintivo do clube – a Cruz de Avis em verde sobre escudo de fundo branco e contornos vermelhos – e suas cores.

Portanto, a simbologia da cruz, no caso específico da Associação Portuguesa de Desportos, discursivamente, atrela o clube às tradições medievais da Ordem de São Bento de Avis, ordem religiosa militar de cavaleiros portugueses surgida no século XII, e com a era de ouro da Dinastia de Avis nos séculos XV e XVI. O hino, assim como ocorre em relação ao Vasco e à Tuna, também contribui discursivamente para a divulgação dessa simbologia.

4. Considerações Finais: laços de uma história secular

O estudo da simbologia da cruz a partir da letra de hinos de clubes de futebol brasileiros de origem lusa permitiu-nos constatar que, enquanto parte do arsenal de símbolos de toda agremiação, os hinos contribuem decisivamente para a construção da imagem do clube, sendo que os traços de identidade simbólica desempenham um papel fundamental nesse processo.

Além disso, pensamos a tradição e o imaginário dos clubes como resultado de processos discursivos de construção a partir de contextos de emergência específicos, cujas marcas ficam registradas no próprio texto dos hinos. Seriam, pois, construções que estão na base das “comunidades imaginadas”, como aponta Hans Ulrich Gumbrecht.

No caso específico das três letras analisadas, todas elas contêm referências à “cruz”, que remete às Ordens medievais de Malta, de Cristo e de Avis, todas de grande importância na história de Portugal. Além disso, os três hinos marcam a sua identidade de origem no próprio nome, com a diferenciação de que se pode lançar mão de adjetivação (Tuna Luso Brasileira e Portuguesa) ou de antropônimo (Vasco

da Gama). Apenas num deles (Portuguesa), encontramos referências às cores de Portugal.

Porém, para uma compreensão mais aprofundada dessa simbologia, tivemos de lançar mão de outras informações sobre elementos que colaboram para a construção da identidade simbólica de cada clube – uniformes, cores, distintivos, textos que versam sobre tais elementos, como poemas, material de marketing e reportagens. Pois é nesse conjunto que podemos ter a noção da dimensão da simbologia da cruz para os clubes brasileiros de origem lusa. O conceito de símbolo, central para tal abordagem, foi adotado enquanto “signo icônico”, que se associa a um determinado clube devido a uma determinada forma de motivação – a Cruz de Avis e a data de fundação da Associação Portuguesa de Desportos; a Cruz de Cristo/Cruz de Malta e a figura histórica do navegador português para o Club de Regatas Vasco da Gama; a Cruz de Malta e o início nos esportes náuticos para a Tuna Luso Brasileira. Tais símbolos possuem um “excesso de significado” – tradição cristã, tradição e glória medieval, era de ouro das grandes navegações etc. Aliás, quando os fundadores desses três clubes, na sua quase totalidade jovens portugueses, buscaram atrelar, simbolicamente, os clubes à tradição e história de Portugal, o fizeram de modo a se reportar a um tempo anterior à descoberta do Brasil, à época de formação do reino português no século XII e de sua época áurea nos séculos XV e XVI.

Por fim, ressaltamos que dificuldades se impõem em estudos dessa natureza, sobretudo com relação à falta de informações e de fontes confiáveis, através das quais possamos não só ter acesso às letras de hinos, como também obter maiores informações sobre autoria e contexto em que foram compostas. Mesmo os sites oficiais de clubes, muitas vezes, são precários, e há pouco cuidado com a história das agremiações. Hoje em dia, o marketing ocupa o maior espaço nesse tipo de fonte. Sendo assim, esperamos que estudos dessa natureza contribuam para resgatar a memória e a história desses clubes e de suas origens lusitanas, bem como a história do desporto no Brasil.

5. Referências Bibliográficas

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação*. 6. ed., São Paulo; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BLANC, Aldir. *Vasco: a cruz do bacalhau*, em parceria com José Reinaldo Marques, Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. (série Camisa 13)

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambria e Heitor Megale, São Paulo: Humanitas, 1999.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol – aspectos épicos e dramáticos (entrevista concedida à Rede Minas). *Programa Meio de Campo*. Belo Horizonte, 2009.

COSTA, António da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Leczy Consuelo (org.). *Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005, p. 9-11.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JEBAILL, Paulo. Para cantar de cor. *Língua Portuguesa: Especial Futebol e Linguagem*, Ano I, p. 55, abr. 2006.

MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota, 1385: A batalha real*. Lisboa: Tribuna da História, 2003.

NÖTH, Winfried. *Handbuch der Semiotik*. 2. Aufl., Stuttgart; Weimar: Metzler, 2000.

VALENÇA, Suetônio Soares. *Tra-la-lá*. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1981.

VALENTE, Jayme. Sincretismo religioso e futebol. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Leczy Consuelo (org.). *Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005, p. 33-42.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

6. Sites Consultados

Alma Lusa. Disponível em: <http://almalusa.net>; acesso em: 21 fev. 2012.

Associação Portuguesa de Desportos (site oficial). Disponível em: <http://www.portuguesa.com.br>; acesso em: 21 fev. 2012.

Brasil República. Disponível em: <http://www.brasilrepublica.com/bandeirashistoricas.htm>; acesso em: 22 Fev. 2012.

Campeões do Futebol. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br> ; acesso em: 23 mar. 2011.

Casa Imperial do Brasil. Disponível em: <http://www.monarquia.org.br/NOVO/obrasilimperial/Bandeirashistoricas.html>; acesso em: 22 Fev. 2012.

Club de Regatas Vasco da Gama (site oficial). Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/index> ; acesso em: 21 fev. 2012.

FOSTER, Rev. Michael. History of the Maltese Cross, as used by the Order of St John of Jerusalem (2004). Disponível em: <http://www.orderstjohn.org/osj/cross.htm>; acesso em: 22 fev. 2012.

Gigante da Colina. Disponível em: <http://www.gigantedacolina.com.br> ; acesso em: 22 fev. 2012.

Guide to Malta. Disponível em: <http://www.guidetomalta.net/malta-history/maltese-cross/>; acesso em: 22 fev. 2012.

LUCCA, Guss de. A Cruz e seus Simbolismos. Disponível em: http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/simbolos/cruz_simbolismos.htm; acesso em: 22 fev. 2012.

Meu jogo inesquecível. Entrevista com o cantor Roberto Leal (11/01/2011). Site do Globo Esporte. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/portuguesa/noticia/2011/01/meu-jogo->

[inesquecivel-final-da-lusa-fez-roberto-leal-abandonar-seu-carro.html](#); acesso em: 06 mar. 2012.

Tuna Luso Brasileira (site oficial). <http://www.tunalusobrasileira.com.br> ; acesso em: 08 mar. 2012.

Tuna Luso Brasileira (site não-oficial). Disponível em: <http://www.tunalusobrasileira.hpg.ig.com.br> ; acesso em: 23 mar. 2011.